

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VII

JUNHO 1923

II. SERIE

N.º 132

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

O TURISMO EM PORTUGAL

MEDIDAS INDISPENSAVEIS

EM geral, os portuguezes teem a pecha de falar de tudo, criticar tudo e aconselhar para tudo sem, de resto, de nada perceberem.

Isto succede todos os dias, a cada passo e seja com que assumpto fôr.

E' claro que o turismo não podia fugir a essa ordem geral; e assim toda a gente se arroga o direito de o discutir, de o apreciar e de indicar soluções para que ele seja um facto em Portugal.

Mas... essas soluções são sómente o arranjo das estradas e a construção de hotéis. Nada mais.

Nos diferentes congressos que se teem realizado por motivos regionaes, ouve-se, de vez em quando, uma voz erguer-se em prol do turismo, n'um discurso cheio de boas intenções, mas vazio de argumentação.

Nos jornaes tambem, por vezes, se fala de turismo, sem que, todavia, as apreciações feitas reflectam mais do que uns vagos conhecimentos do assumpto.

E eis tudo.

Ora, o turismo é — como nunca nos cançaremos de o repetir — uma industria de tal forma complexa que se torna ne-

cessario muito estudo e uma nítida compreensão das necessidades e exquisites humanas, além de vastos conhecimentos da industria das viagens, para com propriedade e auctoridade n'ele se falar.

O turismo não exige só estradas nem hotéis. Se estes dois factores devem merecer a mais cuidada atenção, visto que são primordiaes na pratica d'essa industria, outros ha que são de não menos interesse para que essa industria produza os resultados beneficos que d'ela ha a esperar. Para isso, porém, é necessario que todos os factores se completem n'um harmonioso conjunto, sem o que todo o esforço é baldado; e essa harmonia de conjunto só poderá encontrar-se quando um dia se pense a serio na organização dos serviços de turismo, e se lhes dê a autonomia e a liberdade que eles requerem, e não sejam tratados como serviços complementares de outros a que, por um irrisorio paradoxo, se acham subordinados.

Referimo-nos ao actual estado de coizas, em que a Repartição de Turismo — que devia ser absolutamente autonoma e gozar da mais ampla liberdade — se acha subordinada á Administração Geral das Estradas!

Creemos bem que só aqui, n'este paiz, se vê um paradoxo d'estes; que todavia se justifica simplesmente com a filosofia do aphorismo latino: *Nec sutor ultra crepidam*.

E' claro que sob este criterio, não ha possibilidade de se chegar algum dia a praticas e proveitosas realisações.

Torna-se, pois, absolutamente necessario e urgente remodelar-se os serviços de tu-

risimo de forma a que eles possam corresponder ás exigencias que ha o direito de lhes fazer. Para isso bastará voltar-se á sua antiga organização — quando havia um Conselho de Turismo, a que a actual Repartição se achava subordinada, e dar-lhe a liberdade e os meios d'ação que lhe são absolutamente indispensaveis para bem cumprir a sua missão.

JOSÉ LISBOA

ESTANCIAS DE REPOUSO

O BOM JESUS DE BRAGA

NÃO vamos fazer uma completa descripção do Bom Jesus de Braga, porque este lugar, pela consagração que o envolve, é já bastante conhecido de muitos estrangeiros; e dos portuguezes poucos ha, certamente, que ainda o não tenham visitado.

A nossa referencia tende simplesmente a exaltar esse maravilhoso torrão da Terra Portugueza como um lugar absolutamente destinado para uma cura de repouso, tão necessaria, sobretudo, n'estes tempos de vida intensa e de prazeres excessivos.

Sob este aspecto, muitos portuguezes ainda não o apreciaram; porque — em boa verdade — o habito das curas de repouso não está, por emquanto, suficientemente inveterado no nosso modo de ser para que constitua um numero obrigatorio do programa que, mais ou menos, impomos á nossa vida.

Na America e em Inglaterra, sobretudo, é factio corrente uma cura de repouso, principalmente para quem, na vida agitada dos negocios commerciaes e industriaes, consome a maior parte da sua actividade, de que precisa ressarcir-se ameadas vezes no isolamento completo, longe do seu campo d'ação, no meio d'uma

floresta onde não cheguem facilmente os *amigos*, nem os echos das suas, por vezes, intrigantes e embaraçosas conversas; nem tampouco os periodicos com noticias que possam exacerbar um estado já excitado e que na solidão da campina procura o calmante indispensavel e benefico.

Em Portugal, embora a lucta pela vida não seja hoje menos extenuante do que a que se pratica n'esses grandes centros de negocio, o systema de repouso relativo ainda não se compara com o que é seguido lá fora e que foi reconhecido como absolutamente indispensavel á conservação d'uma razoavel saude espiritual.

E note-se que, apesar do que dizem existir lá fora de bom e de bonito, em nenhum paiz do Mundo se encontram estancias para curas de repouso como ha em Portugal, pelo que de naturalmente belo elas apresentam.

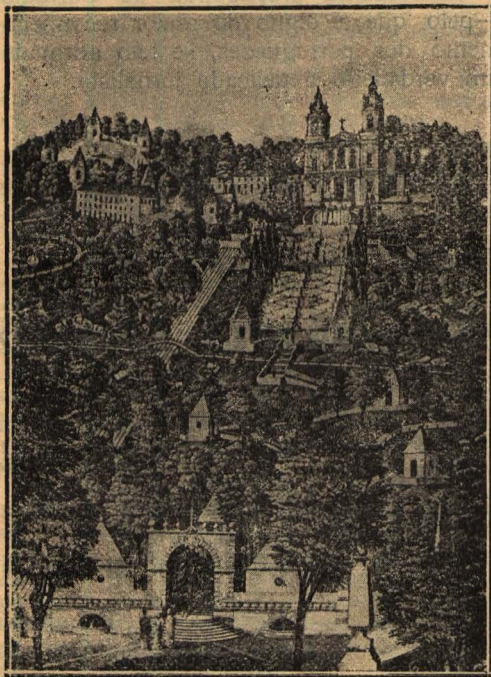
Está n'estes casos o Bom Jesus do Monte.

Até ha pouco, esse esplendido sitio era conhecido como o arquivo dos Lugares Santos; e assim, era mais o espirito de curiosidade que ali levava os romeiros para contemplação dos episodios da Vida de Christo que se acham soberbamente descriptos nos Passos que ladeiam o mo-

numento, do que o desejo de se saborear um dos maiores encantos da nossa Terra.

Reconheceu-se, mais tarde, a necessidade de ali se oferecer hospedagem aos que, no cumprimento das suas promessas, sentissem a necessidade d'um repouso ou o desejo de ali se demorarem gosando as excelencias d'aquela encantador ambiente.

Estabeleceram-se então os hotéis, trez dos quaes — O do Elevador, o do Parque e o do Lago — hoje estão sendo explorados pela Companhia dos Hoteis Portugue-



Um trecho do Bom Jesus do Monte

zes de Turismo e sabia e proficientemente administrados por um homem do «metier» que é ao mesmo tempo um perfeito homem de sociedade, o nosso presado amigo sr. Léon Kués.

D'esta sorte, o Bom Jesus do Monte oferece hoje todas as regalias precisas para uma cura de repouso. A sua enorme altitude — cerca de quinhentos e cinquenta metros acima do nível do mar, proporciona-lhe — além d'um horisonte vastissimo e interessante, o que torna esse sitio um

dos mais belos pontos de vista que ha em Portugal — uma frescura natural, sublimada pelas essencias que povoam a sua bela mata. Por entre essa floresta, onde habitam eucaliptos seculares, cedros frondosissimos, castanheiros luxuriantes, ha largas avenidas que convidam a um passeio despreocupado, onde o corpo não se fatiga e o espirito se recreia nos mil e um motivos que o podem distrahir — ou simplesmente favorece-lo com um socego calmo e atrahente, n'essa mystica solidão que os espiritos cheios de cansaço tanto apreciam!

Acresce, ainda, que o Parque é bastante grande e dispõe de tantos e tão apraziveis recantos que cada um pode escolher o passeio que mais lhe agrada, e gozar bem todas as emanações e toda a beleza natural d'esse lugar sem que seja incomodado. Mas se tiver exigencias de distração, tambem não lhe faltam. Logo ao cimo do Magestoso Templo, que se ergue altaneiro para indicar ao longe onde fica esse privilegiado lugar, ha um delicioso lago onde se pode fazer um passeio, saboreando de perto as suas encantadas margens, ou simplesmente fazer um belo exercicio phisico. Mais além ha tambem um campo para jogo do *tennis*. Ao lado pode jogar-se o *croquet*; havendo tambem balouços para os que, n'um proposito e consciente vae-vem continuo, achem alivios aos inconscientes vae-vens da sorte.

Emfim, distrações ali não faltam; pois mesmo para se dar um largo passeio de burro, a cavallo, de trem ou de automovel, ha toda a especie de locomoção e não faltam tambem sitios agradaveis, interessantes ou pitorescos onde se possa ir alegrar a vista e tonificar o corpo e o espirito com novos ambientes.

Como centro de turismo, O Bom Jesus do Monte é igualmente apreciavel, pela sua proximidade com o Sameiro, Gerez, Caldelas, Vidago, Pedras Salgadas e muitos outros pontos minhotos atrahentes.

N'uma visita que recentemente fizemos

a esta deliciosa estancia podemos apreciar o belo aspecto que presentemente apresentam os três hotéis explorados pela Companhia dos Hotéis Portuguezes de Turismo. Não obstante a essa Companhia esteja limitada a liberdade de introduzir beneficiações n'esses hotéis, cuja propriedade pertence á Confraria do Bom Jesus, justo é dizer que eles hoje se acham perfeitamente recomendaveis, pelo inexcédível aceio, pela boa cosinha, pela sua comodidade, pela ordem e critério que ha na sua administração, o que lhes proporciona uma especial sympathia.

Isso nos leva a recomenda-los, com a certeza de que prestamos um bom serviço aos nossos leitores, o que também muito agradável nos é.

Aproveitando o ensejo de fazermos esta descripção sobre as impressões que recolhemos na nossa visita a essa atrahente e encantadora estancia, devemos aqui consignar os nossos reconhecidos agradecimentos ás amaveis deferencias com que fomos honrados pelo distincto administrador delegado da Companhia dos Hotéis Portuguezes de Turismo, o nosso presado amigo Sr. Leon Kues, que, como correspondente dos mais importantes jornaes suissos, onde tem feito uma habil e interessante propaganda de Portugal —pelo que é digno do maior reconhecimento dos portuguezes, se tem afirmado um verdadeiro e delicado jornalista.

JOSÉ LISBOA

Exposição agricola, pecuaria e industrial nas Caldas da Rainha

POR iniciativa d'uma comissão promotora composta dos sr.ºs: Luiz da Gama, Manuel Figueira Freire da Camara, Vitorino Frois, Frederico Pinto Basto, Antonio Avelar do Couto, Henrique Sales, Fernando Lencastre, José Filipe Gomes Neto Rebelo, Raul Simões Serio, Eduardo Pereira Rbas, Julio Cesar Soromenho Romão, tendo como delegados executores os sr.ºs: José Pereira Fialho Junior, Julio Lopes, Cesar Coelho da Silva, Antonio Montez, João Coelho Pereira, Sebastião da Cunha e Silva e José Coelho Pereira deve realisar-se nas Caldas da Rainha, nos dias 18 a 22 d'Agosto proximo, uma exposição agricola, pecuaria e industrial, cujo programa é o seguinte :

PARTE AGRICOLA-PECUARIA

- 1.º grupo—Produtos pomologicos (fructos).
- 2.º » —Produtos téchnologicos.
- 3.º » —Cereaes e legumes.

- 4.º » —Produtos horticultas.
- 5.º » —Produtos d'origem animal.
- 6.º » —Forragens.
- 7.º » —Materias primas naturaes.
- 8.º » —Materiaal agricola.
- 9.º » —Aparelhos e materiaes diversos.
- 10.º » —Insecticidas — Fungicidas agricolas e materiaes para seu emprego.
- 11.º » —Gado Cavalari.
- 12.º » —Gado bovino.
- 13.º » —Gado lanigero, caprino e suino.

PARTE INDUSTRIAL

- Produtos minerais.
- Industrias regionais e caseiras.
- Industrias metalurgicas.
- Adubos e purgueiras.
- Faianças.
- Doces.
- Cristaes e vidros.

Lanifícios e tecidos de linho, algodão, seda etc.
 Conservas.
 Materiaes de contrução.
 Rendas.
 Produtos industriaes não especificados.

Para conhecimento dos interessados, publicamos a seguir o Regulamento d'este importante certamen :

Artigo 1.º — A exposição agrícola-pecuaria e industrial realisar-se-ha na mata do Hospital Rainha D. Leonor, podendo n'ela tomar parte os agricultores, viveiristas, industriaes e negociantes da especialidade.

§ 1.º — Os estabelecimentos officaes de agricultura são declarados fóra do concurso para os efeitos de concessão de quaesquer premios.

§ 2.º — Os viveiristas, industriaes e negociantes da especialidade e vendedores de machinas agricolas de qualquer parte do paiz, só podem concorrer a premios em competencia com estabelecimentos congeneres.

Art. 2.º — Os productos a expôr devem vir acompanhados da respectiva etiqueta, com inscripção bem legivel, do nome do expositor e a localidade da região em que foram produzidos.

§ unico. — Os productos do 1.º grupo, 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª secções deverão trazer, além d'estas indicações e sempre que seja possível, os nomes por que as variedades são conhecidas na região.

Art. 3.º — Junto dos productos expostos deverá estar bem patente :

a) Nome do expositor ou productor :

b) Local da producção; e sempre que seja possível o preço e a producção média anual.

Art. 4.º — Para avaliar da capacidade necessaria ás diferentes instalações e á disposição dos productos deverá cada expositor, com a possível antecipação, indicar o numero e quantidade presumivel dos artigos a expôr, conforme o respectivo programa.

Art. 5.º — A disposição dos productos na exposição é da exclusiva competencia da Comissão Executiva, exceptuando-se o caso de instalação particular, cujo plano tenha sido aprovado e as despesas da sua apresentação sejam cobertas pelo expositor.

§ unico. — E' gratuito o espaço que cada instalação venha a ocupar na exposição; ficando a cargo dos expositores todas as despesas de fretes e transportes, quando os haja.

Art. 6.º — Os productos não susceptiveis de alteração, deverão ser enviados á sede da Escola Agrícola Movel das Caldas da Rainha, até dez dias antes da data marcada para a abertura da exposição, e os de facil deterioração até vinte e quatro horas antes da abertura da mesma.

Art. 7.º — Nenhum expositor poderá retirar os

seus productos antes de encerrada a exposição salvo os que estejam deteriorados e que poderão ser substituidos por outros.

Art. 8.º — Para a apreciação dos productos e concessão de premios haverá tantos jurys quantos a Comissão Executiva julgar necessarios.

§ 1.º — Os jurys da parte agrícola-pecuaria serão constituídos por trez membros sendo dois d'elles funcionarios technicos do Ministerio da Agricultura.

§ 2.º — Os jurys da parte industrial serão tambem constituídos por trez membros, sendo um funcionario tecnico do Ministerio ds Comercio e outro representante da Associação Industrial Portugueza.

§ 3.º — As decisões do jury não teem recurso.

Art. 9.º — Para serem conferidos aos expositores, haverá os seguintes premios :

- a) Diploma de premio de honra;
- b) » » medalha de ouro;
- c) » » » » prata;
- d) » » » » cobre;
- e) » » menção honrosa.

No sentido de tornar mais ampla a acção d'este certamen, poderão os expositores comercialisar os seus productos, desde que para tal fim enviem pessoal habilitado.

Com esta criteriosa organização, é de esperar que esta exposição tenha os mais brilhantes resultados e que ela atraia á bela estancia das Caldas da Rainha uma extraordinaria concorrencia.

Dr. Augusto de Castro

A *Revista de Turismo*, como órgão da Imprensa Portugueza, não pode deixar de associar-se á manifestação que, á sua chegada de Paris, foi tributada ao illustre Director do nosso colega *Diario de Noticias*, Sr. Dr. Augusto de Castro, representando uma justa homenagem aos relevantes e patrioticos serviços que teem sido prestados por esse brilhante jornalista á nossa querida Patria.

Apresentando a S. Ex.^a os nossos mais respeitosos cumprimentos, endereçamos-lhe com esta nossa singela mas sincera homenagem, a parte do reconhecimento que nos compete como portuguezes, e as nossas mais cordeas felicitações, pelo inexcédível exito dos seus comprovados e patrioticos esforços.

CARTAS DE PARIS

Os aviadores em Paris — Gago Coutinho e Sacadura Cabral — A chegada a Bourget — A madrinha de guerra de Sacadura — A memorável sessão na Sorbone — A partida.

O maior acontecimento portuguez em Paris, foi a vinda dos nossos grandes aviadores. Os jornaes tocaram a rebate, enchendo as columnas da primeira pagina de elogiosas referencias ao acto heroico por eles praticado e que echoou no mundo inteiro como um grande feito.

Raras vezes os jornaes falam em Portugal; e quando o fazem, é para relatar o que nos é desagradavel. Uma revolução, a queda d'um ministerio, uma greve geral, quatro bombas que rebentaram á porta d'um industrial e outras coisas de efeito deprimente, são as referencias que elles mais entusiasmadamente nos dedicam.

Agora, porem, a imprensa aqueceu; e Portugal gosou d'uma apotheose unanime nos grandes e pequenos jornaes de Paris.

A chegada dos illustres navegadores do ar, estava annunciada para as oito horas da tarde no campo de Bourget; mas duas horas antes — não fossem eles vir adeantados — era já grande o numero de membros da colonia portugueza, que cogitava o ceu dos lados de Bordeus. Um telegrama veio, porem, confirmar a chegada para as oito horas e meia; e sem faltar um minuto, eis que se desenhavam no horizonte os dois aparelhos como duas andorinhas mensageiras da primavera.

Tinhamos, momentos antes, visto chegar o avião da carreira de Londres, e não foi sem interesse, que o vimos descrever um grande saca-rolhas para vir pousar sobre a vasta plataforma.

Mas os aviões em que vinham os nossos dois heroes não estiveram com tão complicadas manobras; como duas aves que veem pousar, famintas, sobre um

campo de trigo, descreveram uma larga curva e aterraram sobre a plataforma onde uma multidão compacta saudou os dois gigantes do ar.

Antes, porem, d'aquella massa de gente se acercar dos aviões, uma linda mulher, alta, loira, avançou lepida, poz o pé no estribo do avião, e cobriu de beijos Sacadura Cabral e Gago Coutinho: era a madrinha de guerra de Sacadura, aquella que o illustre piloto, junto dos rochedos de S. Paulo, evocou como a sua derradeira esperança e que momentos depois lhes fazia aparecer o vapor *Paris-City* que os levou a porto de salvamento. De certo, outra coisa não seria para esperar: tendo uma madrinha em Paris, o vapor que os havia de salvar necessariamente se devia chamar *Paris*.

Entremos agora na *Sorbonne*. O vasto anfitheatro, com os seus trez mil lugares quasi occupados, tem o ar solemne dos grandes dias. Na Bancada, Joffre, Santos Dumont, simples e escondido quasi a um canto, officiaes cobertos de medalhas, ministros, diplomatas dão um ar de solemne gravidade ao ambiente, em contraste com a singeleza da farda dos dois illustres portuguezes, que sem nenhuma medalha ao peito davam, áquella festa aristocrata, uma grande lição de modestia e de simplicidade.

Gago Coutinho, ligeiramente curvado, parecia um d'aqueles personagens dos celebres quadros de Nuno Gonçalves, um dos grandes homens que deram ao mundo assomos d'uma grande temeridade.

O seu discurso, n'um francez tão correcto como vibrante, é, a pequenos espa-

ços, cortado por salvas de palmas quentes e prolongadas.

Suponho que Portugal, nunca gosou no estrangeiro d'uma tão grande apothose; e o discurso do Sr. Barthou, antigo presidente do Conselho, enaltecendo a nossa raça atravez dos tempos, demonstrou bem que Portugal não é ignorado no estrangeiro pelos grandes homens.

Os aviadores não tiveram depois um momento de repouso: jantares aqui, recepções acolá, chás em casas amigas, etc.

Devendo ser notada com particularidade tocante, da sua estada em Paris, a recepção dada no atelier de Sousa Lopes, onde

n'uma intimidade familiar e entre as telas admiraveis do grande artista, se passou uma tarde deliciosa.

O *Sud-Express* levou-os n'uma manhã de domingo para Madrid.

A' estação do Quay d'Orsay foi tudo de importante que da colonia portugueza existe em Paris; e lá estavam de novo as fardas brilhantes e condecoradas dos officaes francezes e lá vimos lindos labios de mulher atirando beijos aos dois maiores portuguezes dos ultimos tempos.

Paris, Junho 1923.

GUERRA MAIO.

COMISSÕES D'INICIATIVA

DEFINIÇÃO DA AREA DA JURISDIÇÃO DA COMISSÃO DA FIGUEIRA DA FOZ

EM decreto publicado pelo Ministerio do Comercio no *Diario do Governo* n.º 118 da 1.ª serie, referido a 4 do corrente mez de Junho, a Repartição de Turismo faz definir a area de Jurisdição da Comissão de Iniciativa da Figueira da Foz.

Para maior conhecimento, a seguir transcrevemos esse decreto na integra:

MINISTERIO DO COMERCIO E COMUNICAÇÕES

Administração Geral das Estradas e Turismo REPARTIÇÃO DE TURISMO

Decreto n.º 8.891

Considerando que, pelo regulamento de 24 de 1922, compete á Administração Geral das Estradas e Turismo a definição das áreas sobre que as comissões de iniciativa devam exercer a sua acção;

Tornando-se necessário definir a área em que a comissão de iniciativa do concelho da Figueira da Foz exerça a sua jurisdição;

Sob proposta do Ministerio do Comercio e Comunicações, tendo ouvido o administrador geral das estradas e turismo:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º — Para os efeitos da lei n.º 1.152, de 23 de Abril de 1921, e respectivo regulamento de 24 de Fevereiro de 1922, a área sobre a qual a comissão de iniciativa do concelho da Figueira da Foz poderá exercer jurisdição comprehenderá as freguesias de Figueira da Foz, Buarcos e Tavadre.

Artigo 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.

O Ministro do Comercio e Comunicações assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da Republica, 4 de Junho de 1923. — Antonio José de Almeida — João Teixeira de Queiroz Vaz Guedes.

«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	5\$00
Ano	10\$00
Colonias—ano	15\$00
Extrangeiro—ano	20\$00
Numero avulso réis	1\$00 (1\$000)



Algumas trovas do cancionero

de S. Simão de Novaes

*La eu por Braga abaixo
dei um beijo n'uma rosa
Nunca vi terra tão sêca
dar uma flôr tão mimosa*

*Hei-de t'amar tẽ à morte,
e da morte até morrer.
Depois de a morte passada
Deus dirá o que ha de sêr*

*Já te amei, já não te amo
Já te perdi a afeição
Já te botei para um canto
fóra do meu coração.*

*Tu disseste mal de mim
a quem m'o logo contou
Eu sempre gostei e gosto
de quem me desenganou*

*O amar-te foi um sonho
olha, amôr, o que eu perdi:
agora vejo-me só,
meu amor, sem Deus, sem ti.*

*Botei um cravo ao poço
fechado, saiu-me aberto.
E' um regalo na vida
enganar a quem é 'sperto*

*Ha silvas que dão amóras
ha outras que as não dão;
ha amores que são leaes
ha outros que o não são.*

*Se o cantar dera dinheiro
meio mundo era rico.
Mas o cantar não dá nada
pobre sou e pobre fico.*

PROBLEMAS DE TURISMO

AS COMISSÕES D'INICIATIVA

COMO a nossa Revista é o unico órgão que, em Portugal, defende e se ocupa com conhecimento de causa a portentosa industria do turismo, ela não pôde deixar de transcrever, para que fique arquivada nas suas columnas, a entrevista que pelo Sr. Dr. José d' Athayde, illustre Director da Repartição de Turismo, foi concedida a um representante do "Diario de Noticias", e inserta no numero d'este nosso colega referido a 7 do corrente, d'onde a trasladamos com a devida venia:

.....

«Porque ha duvidas sobre se a lei de 23 de abril de 1921 favorece ou prejudica o desenvolvimento do turismo em Portugal perguntámos hontem ao Sr. Dr. José de Athayde qual a sua opinião a tal respeito. E logo o illustre director da Repartição do Turismo nos diz:

— E', favoravel desde que lhe não criem embaraços, aceitando-a nos seus fins e designios patrioticos. Pode até concorrer para a solução d'um problema em que tanto se fala, mas que, por emquanto, ainda não encontrou solução.

— Em resumo, o que se pretende com a lei de 23 de abril?

— Criar em todas as nossas estancias balneares, thermaes, climatericas, de recreio ou de simples turismo, comissões de iniciativa, com o fim de promover o desenvolvimento das mesmas, de forma a proporcionar aos seus frequentadores um meio confortavel, hygienico e agradavel, quer executando obras de interesse geral, quer realizando iniciativas tendentes a augmentar a sua frequencia e a fomentar a industria de turismo. Já vê que devidamente comprehendida e doutamente aplicada, deve, com certeza, resolver o nosso problema de turismo—grande problema que requiere uma solução imediata, pois concorre para beneficiar a situação economica do paiz.

O QUE SE FAZ EM FRANÇA

PARA QUE SERVE A «TAXE DE SÉJOUR»

— Como se procede lá fóra a tal respeito?

— Eu lhe digo. Em França a «taxe de séjour»—loí bienfaisante—como os francezes a denominam, tem contribuido, consideravelmente, para o desenvolvimento da industria do turismo n'aquele paiz. Em 1919, ano em que a taxa de «séjour» era ainda facultativa, rendeu 700.000 francos. Agora, tornada efectiva pela lei de 24 de setembro de 1919, a «taxe de séjour», pelos calculos feitos pelo Dr. J. Canz, deve render um minimo de dez milhões de francos!

— O que devem fazer então as taes «Comissões» de iniciativa?

Como sabe, as camaras municipaes não dispõem de verbas para certos melhoramentos. Quando muito, dispõem para os mais rudimentares serviços, como os de hygiene, iluminação, esgotos, pavimentos e tantos outros. As Comissões de Iniciativa deveráo, por conseguinte, fornecer ás camaras municipaes, todos os recursos de que elas carecem para o embelezamento a que teem direito os lugares sob a sua jurisdicção.

— Pode V. Ex.^a dar-nos um exemplo?

— Pois. Os Srs. Lima Basto e Dr. Daniel Rodrigues dizem-nos que, por emquanto—e com razão, Lisboa não pode contar com os melhoramentos e embelezamentos a que tem jus, porque a camara não dispõe das verbas necessarias para taes aspirações...

«A resposta é esta. A Comissão de Iniciativa de Lisboa deve ser composta por banqueiros, que auxiliarão a vereação de Lisboa na efectivação dos melhoramentos que a cidade exige.

**O QUE TEEM FEITO ALGUMAS
DAS COMISSÕES JÁ CRIADAS
E O QUE OUTRAS PRETENDEM FAZER
AINDA ESTE ANO**

— Já existem algumas d'essas comissões?

— Já e pena é que o não estejam todas. Algumas, como as de Cascaes, Curia e Luso-Bussaco teem já alguns trabalhos concluidos e em via de execução. Assim, á commissão de Cascaes, entre outras melhoramentos, deve-se, no ultimo ano, nas praias de Cascaes e Estoril, o estabelecimento de duas jangadas para o uso dos banhistas; a construção de uma casa para o guarda na Boca do Inferno; a fundação de uma biblioteca publica, estando procedendo agora, por intermedio do Sr. Lobo Alves, á organização do inventario das reliquias historicas artisticas e outras curiosidades existentes no concelho.

Propõe-se ainda a commissão de Cascaes executar varios projectos como: a construção d'um pavilhão de chá e restaurante na Boca do Inferno; casas para habitação dos cantoneiros; aformoseamento do adro da igreja matriz de Cascaes; construção d'um coreto e barracas de kermesse, etc.

«A da Curia não pôde realizar o programa que tinha delineado, devido a varias circunstancias extranhas aos seus desejos. Espera, este ano, executar parte d'esse programa.

«A do Luso-Bussaco acudiu a bastantes serviços que estavam postos de lado, ha muito tempo; propondo-se, na proxima epoca, alem das regas e limpeza das ruas e estradas, embelezar os locais mais frequentados, melhorar as condições hygienicas das fontes publicas e colaborar em festas e distracções, tornando aquela estancia o mais possivel atrahente.

**O QUE FARÁ A REPARTIÇÃO
DE TURISMO LOGO QUE TENHA VERBA**

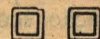
— O que deve então fazer a commissão que fôr nomeada para Lisboa?

— Deverá, de acordo com a Camara Municipal e a Companhia Carris de Ferro, promover a construção de «marquizes», refugios contra a acção do sol e das chuvas, em determinados pontos da cidade, nos «terminus» das carreiras e á porta das casas de espectaculos; e ordenar tanto quanto possivel o acesso aos electricos.

— A que especie de trabalhos se está dedicando ou vae dedicar a sua repartição?

— Logo que a minha repartição disponha das receitas criadas pela taxa de turismo, terá como programa minimo, o seguinte: a publicação, em inglez, de uma monographia sobre os nossos castelos, escrita pelo illustre vice-almirante Almeida de Eça, com o character especial com que estas publicações devem ser revestidas; a reconstituição da capela do Senhor Roubado, ao Lumiar, onde existem ainda magnificos azulejos e esplendidos marmores; a criação d'um corpo de policia destinado especialmente ao policiamento das estações de caminhos de ferro, caes de embarque e principaes arterias da cidade; a criação d'um curso hoteleiro, não só para gerentes, empregados e criados de hotéis, mas para criados de restaurantes; o inventario dos melhores azulejos existentes no paiz, fazendo-se uma publicação sobre eles; subsidiar o «Comité Portugal-France»; contribuir para a restauração do Mosteiro de Semide; auxiliar, tambem, as obras que se tornem necessarias, para salvar a historica igreja matriz de Santa Maria de Obidos, onde existem quadros excelentes, a esfarraparem-se, com a assignatura da pintora Josefa de Obidos; promover em certos pontos do paiz a construção de hotéis e de «pousadas»; finalmente, concorrer para a execução do plano de reconstituição do Castelo de Leiria, carinhosamente estudada pelo erudito professor Sr. Korrodi.

... E assim terminou esta entrevista.



PRAIAS PORTUGUEZAS

S. MARTINHO DO PORTO

A 100 kilometros do nordeste de Lisboa, na linha do continente sobre o Atlantico encontra-se a vila de S. Martinho do Porto, reclinada na vertente de um môro, que a defende dos ventos dominantes e por onde estende a alvura da sua casaria até a orla da praia que, n'um hemiciclo de limpa e finissima areia, limita a bela concha do mesmo nome, formando um natural e magnifico porto de mar, excepcionalmente abrigado.

Verdadeira concha de facto é, cheia de perolas que a natureza prodigamente ali lançou.

Não ha, no nosso paiz, praia que reúna um conjunto de tão preciosas condições para se tornar uma estancia balnear incomparavel.

A sua posição topographica, tendo a oeste o mar; a leste a vastissima campina limitada muito ao longe pela serra do Bouro; a nordeste as manjas de pinhaes; ao sul, a tranquila bahia e a fronteira e pitoresca povoação de Salir, cria-lhe um ambiente climaterico, raro e unico.

Virgem até hoje de qualquer iniciativa humana, é esta bela praia um vantajoso campo d'acção para o remunerador emprego de capitaes se os nossos financeiros quizerem ser os primeiros a valorisar as belas joias que ela possui e dar-lhes o brilho e situação que de justiça merecem.

Não ha ali um hotel; não ha um simples restaurante; não ha qualquer vislumbre de esforço que os naturaes tenham feito para valorisar a sua preciosa terra ou para captivar e prender os hospedes que se lembrem de visita-la.

E curioso é; pois tendo sido ali a natureza tão bondosa e prodiga em benesses, parece que essa influencia se deveria reflectir naturalmente no animo dos nativos; mas infelizmente não succede assim,

até pelo contrario. Salvo raras excepções, os indigenas de S. Martinho chegam por vezes a ser hostis para os turistas!



Como porto comercial; a bahia de S. Martinho do Porto oferece todos os requisitos.

A barra tem 215 metros de largura, orientada ao poente; sendo a concha protegida por contrafortes do N. e S. O., formando molhos indestructiveis e eternos, não havendo, por isso necessidade de reparações nem de conservação.

Está, porém, assoriada como aliás acontece a todos os portos do paiz; mas em virtude das suas excepcionaes condições, não carece — como eles — de dispendiosas obras de melhoramentos. Bastaria que uma draga (que podia ser a «Mondego») ali trabalhasse durante 6 a 7 mezes para formar ao centro do porto um fundeadouro rasoavel que teria a vantagem (já provada por precedente) de não necessitar limpesa ou obra durante o periodo de 100 anos.

Se isto se fizesse, voltaria o porto ao seu periodo aureo, que o teve, de grande e intensa cabotagem; pois era por ali que se fazia todo o trafego e exportação dos productos d'aquella riquissima região.

As madeiras do pinhal de Leiria, resinas, alcatrões, essencias, vinhos, cereaes, vidros e sobretudo as preciosas fructas teriam por ali a natural e comoda sahida.

E' possivel que a grandiosa Empreza dos Cimentos de Leiria se veja forçada a lançar mão d'este porto para descongestionar a formidavel producção do seu fabrico, e assim talvez se irá salvar, pela necessidade industrial, o melhor porto d'abrigo entre o Tejo e o Mondego. Oxalá.

Ainda sob o ponto de vista comercial se deveria intensificar a pesca, pois a

fauna marítima é rica, sobressahindo as lagostas que ali vivem em abundancia.

E tão finas e preciosas são que os francezes da Bretanha vem todos os anos a S. Martinho pesca-la nos seus barcos admiravelmente construidos para esse fim. Assim, esses entrusos, protegidos pelo desleixo da nossa vigilancia, levam-nos aquela enorme riqueza nos seus porões-viveiros até o porto bretão de Saint-Malo.

Cada porão d'estes barcos pode trans-

lha da costa, visto que o maior marisco e o mais fino é o que vive em relativos baixos-fundos de rocha rica.

Debaixo do ponto de vista do turismo, não ha no paiz—repito—um conjuncto de condições reunidas como ali.

Centro de excursões irradiando para as Caldas, Foz do Arelho, Alcobaça, Peniche, Nazareth, Leiria Batalha e muitas outras povoações interessantes, oferece a facilidade de se regressar no mesmo dia.

Como estancia thermal, S. Martinho



S. Martinho do Porto — Panorama

portar vivas 4.000 lagostas. Em geral, esse esperto e activo estrangeiro demora o seu barco n'aquelas paragens 18 a 20 dias; enche os porões, leva o marisco ao seu porto, ali mete a bordo mantimentos para outros 20 dias, volta á nossa costa e assim sucessivamente durante o periodo que vae de 1 de Janeiro a 30 de Setembro.

Por aqui se pode avaliar o importantissimo roubo feito á nossa indolencia e incuria por dez ou doze d'estes esplendidos barcos, que chegam a pescar a meia mi-

pode ser explorada egualmente, pois possui duas nascentes d'aguas mineraes, radio-activas, chloretadas, que o Dr. Lepierre analysou e classificou como as mais preciosas do paiz para curas de doenças de péle. Triste é dizelo, mas até hojê ninguem se lembrou de as explorar!

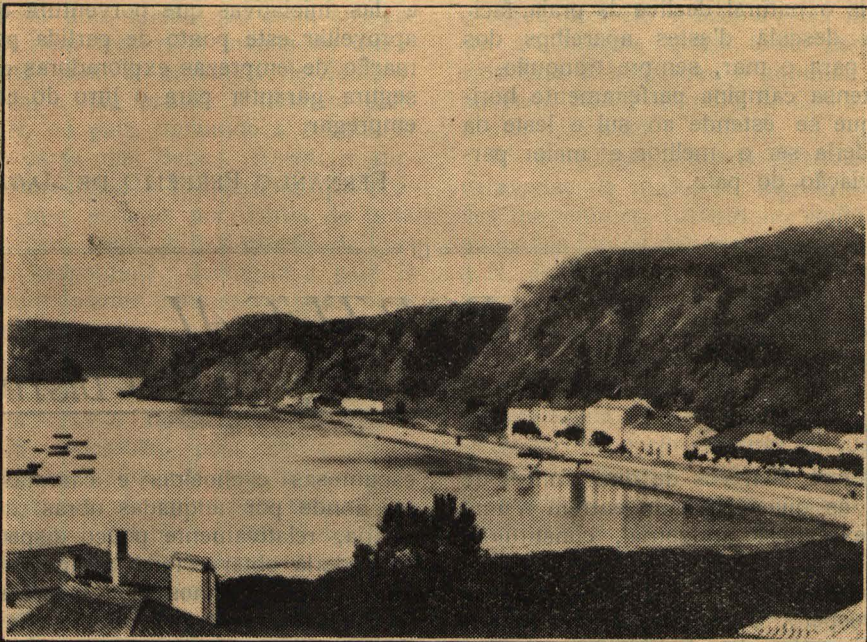
Os doentes, sabedores da maravilhosa acção das aguas, ali vão ás nascentes, e rudimentarmente tomam o seu banho ao ar livre entre os rochedos; e as curas realisam-se, augmentam em numero e tudo continua no mesmo estado!

E' muito raro que a diferença thermometrica entre a maxima de verão e a minima de inverno exceda 11 graus ali!

Esta maravilhosa terra que fica, como dissemos, situada proximo de Lisboa, tem a sua estação ferro-viaria dentro da vila; possui uma praia de 3 kilometros de extensão de finissima areia com um lago de 1.400 metros de diametro, sem correntes maritimas, sem vagas fortes e por isso muito frequentada por familias que tenham filhos, pois as creanças podem n'ela pas-

á medida que vae adquirindo forças, vae recebendo sucessivamente a acção, cada vez mais fortificante, do ar do mar e dos pinhaes.

Todos os terrenos onde se poderia edificar novas habitações, hoteis, casinos, clubs, etc., são de magnifica natureza constructiva, rôlos d'areia, hygienicos e isentos das despezas de alicerces, protegidos dos ventos dominantes pelo contraforte norte que abriga a bahia, e de facil aquisição, pois são terrenos aforaveis á junta de freguezia.



S. Martinho do Porto — Morro do norte da barra

sar o seu dia em plena liberdade, sem necessidade de vigilancia tolhedora; sendo portanto esta a verdadeira praia ideal para creanças.

A sua agua potavel, para abastecimento, canalizada e beneficiada ha dois anos pelo altruista José d'Avelar do Couto, foi analysada pelo illustre clinico Dr. Nicolau Betencourt que a classificou de *muito boa*.

Já outro illustre medico declarou que esta estancia balnear é a mais eficaz para convalescentes, dividindo o circulo perimetrico em zonas onde o convalescente,

Não falarei aqui dos pontos panoramicos, pois a minha pena é demasiado pobre para pretender descreve-los. Ir ali vê-los é a unica maneira de se sentir a mais intensa e profunda sensação do belo. Sómente direi que a visão do contraste da serenidade virginal da bahia com a imponente magestade do mar, fez com que se soltasse e soltassem dos labios de muitos poetas e artistas espontaneas exclamações d'assombro!

O quanto ali se poderia fazer, mostra-o o plano que, para maior elucidação,

está patente ao publico na sala gentilmente cedida pela digna direcção da Sociedade Propaganda de Portugal.

A avenida marginal, construida já em parte e cujo traçado acompanharia a regular curva da bahia, constituiria um dos mais belos e hygienicos passeios, sendo prolongada até ao estabelecimento thermal projectado, das famosas aguas de Salir, e marcaria em circulo o limite das construcções junto ao mar.

Que magnifica escola de hydro-aviões se poderia ali fundar sem grandes dispendios, pois o natural declive da praia, facilitaria a descida d'estes aparelhos dos angares para o mar, sempre tranquilo.

A extensa campina perfeitamente horizontal que se estende ao sul e leste da vila poderia ser o melhor e maior parque d'aviação do paiz.

Um estudo circunstanciado do movimento, já não direi, dos mares (por dispendiosa instalação) mas do acelerado da entrada vaga para dentro do porto, poderia dár lugar a aproveitar-se essa constante e eterna força (por meio de turbinas colocadas nas duas pontas da barra) e transforma-la em energia electrica, para viação e iluminação.

Todo este conjuncto de circunstancias favoraveis e aglomeradas n'este belo recanto do paiz, levou-me a elaborar esse plano que submeto á sancção do publico e das iniciativas que porventura queiram aproveitar este ponto de partida para formação de empresas exploradoras com tão segura garantia para o juro do capital a empregar.

FERNANDO PERFEITO DE MAGALHÃES

BELEZAS DE PORTUGAL

BRAGANÇA E SEU DISTRICTO

(Continuação do numero anterior.)

Vou agora falar-vos de duas fontes de riqueza, as quaes, quando entrem n'uma via de exploração industrial, constituirão só por si o suficiente para levantar o distrito do seu actual abatimento, tornando-o prospero, com aquela prosperidade que deriva da abundancia de meios, e concorrendo tambem em grande parte para o desafogo financeiro e economico do nosso predestinado Portugal.

Essas fontes de riqueza são: a hulha branca e os productos do sub-solo. Como mais de uma vez tenho referido, o N. do districto que com o de Vila Real e alto Minho, constitue a facha acidentada dos grandes movimentos do terreno aonde tem origem os rios e ribeiras mais importantes que a banham, origens a altitudes de 1.000 e mais metros, comprehende-se que ha-de haver por isso fortes declives nos seus leitos, por onde as aguas se despenham em revoltas e

espumosas cachoeiras e cascatas. Seria ahi aonde por adequadas obras de engenharia, relativamente pouco dispendiosas, se poderia obter a força motriz para acionar os machinismos que fornecessem a inergia electrica para a iluminação das cidades, vilas e aldeias mais importantes, assim como para os demais usos que já hoje, com grande economia da mão de obra e de tempo, é aproveitada principalmente nas industrias. E não se suponha que é apenas uma ou outra queda de agua. Não. Sucedem-se por toda a parte, em todas as torrentes.

Mas isto, que é muito, que faria a inveja d'essa imensa planicie que percorri no N. da França e d'ali em toda a viagem para a Alemanha, não é o mais importante nem o que avassala pela sua grandeza.

O Douro, o 2.º rio dos mais importantes que banham o paiz, limitando-o a L.

e portanto ao distrito, separando-o igualmente das Beiras pelo lado S., rio que mesmo nas maiores estiagens tem um caudal volumoso despenhando-se n'alguns pontos em cascatas que são verdadeiros abysmos—calcularão V. Ex.^{as} o que isto representará em força motriz.

Um local no concelho de Miranda do Douro conheço eu, que com a perfuração de um tunel n'um contraforte da margem portugueza que obriga o rio a uma curva em cotovêlo apertado, para por esse tunel derivar parte das aguas, obter-se-hia uma queda que daria energia electrica, nem mais nem menos do que a necessaria para a provincia de Zamora, que ainda a não possui e tambem para todo o N. do paiz, incluindo a cidade do Porto e parte das Beiras. Assim o affirmam os engenheiros hespanhoes que procederam aos estudos por conta de uma empresa que, como a das quedas de Lindoso, é hespanhola, deixando o paiz ir essas prometedoras concessões para mãos de estrangeiros.

Desde 915 que não vou a Miranda, ignorando por isso o adeantado das negociações com o nosso governo para a respectiva concessão, pois que a maior parte dos trabalhos são em terreno portuguez. Quando ali estive pela ultima vez já havia sido comprado, para esse fim, um moinho e terreno adjunto.

Já que aludi a Miranda do Douro, a mais pequena cidade do paiz que n'outras eras foi importante por ser séde de bispado e do governo das armas da provincia, ha n'ela digno de ser visto, o celebre *penedo amarelo*, escarpa em rocha granitica sobre o Douro talhada verticalmente, de altura superior a 150 metros. Do adro da sua Sé, um belo templo, vêem-se as aguias pelo dorso. Na guerra de 1762 com a Hespáda deu-se uma explosão no seu castelo que, como a cidade, ficou em parte destruido perdendo desde então a importancia que até ali usufruia.

A 2.^a fonte de riqueza — os productos do sub-solo — tem a mais do que aquela a dificuldade de transportes rapidos e baratos que só uma rede de caminhos de

ferro convergindo directamente, isto é, sem trasbordos para portos de embarque, os poderão fornecer.

Note-se que d'estes productos apenas se conhece, por emquanto, os que o acaso ou as pesquisas quasi superficiaes, revelaram. O que ocutarão as bojudas entranhas das extensas serranias? Riquezas sem fim.

Conhece-se já a existencia de ouro, pasta, radio, estanho, wolframio, ferro, calcareos nas suas formas de alabastro e marmores de diferentes qualidades e côres, etc. Ha minas d'estes metaes já em exploração, quasi todas pertença de empresas estrangeiras e algumas da casa bancaria Henry Burnay & C.^a e d'outras firmas nacionais.

E' da minha pequena infancia quando caravanas de mulheres, raparigas e rapazes hespanhoes, vinham no verão para os povoados juntos das margens do rio Sabor, a N. de Bragança, fazer colheita nas suas areias das pepitas de ouro que as aguas arrastavam nas suas aluviões e as quaes eram obtidas pelo processo manual e rudimentar das sucessivas lavagens. Prova evidentissima da existencia de ouro nos terrenos que o rio percorre n'aquela área. Ha anos que esta pequena industria foi abandonada pelos nossos visinhos hespanhoes que a ela se entregavam.

Na povoação de França ha umas minas que dão ouro, minas com grandes vestigios de exploração na epocha da dominação romana.

De prata, resa a tradição que, junto á povoação de Paramio, foi já explorada com grandes resullados uma mina d'este metal, cujo filão se perdeu. Tem' sido feitas varias pesquisas de quando em quando, tentando descobrir novamente o filão.

De estanho ha minas em exploração que eu conheça, em S. Martinho de Angueira, Argozelo, Peleias, Ervedosa, Parada e outras no centro e sul do districto.

De wolframio ha tambem varias, conhecendo em exploração activa a da Fonte Batalha.

De outros metaes tambem existem varias minas.

O ferro é abundantíssimo. Os jazigos da serra do Roboredo, junto a Moncorvo, são dos maiores conhecidos do mundo.

Quem tenha percorrido o caminho de Carviçais ou Felgar para aquela vila pelas faldas do cabeço da Mua, deve ter sido surpreendido pelo negro das pedras que rolam sob nossos pés. Pois tudo aquilo é ferro que anda aos baldões á superfície, a pedir que o aproveitem. Todos êsses enormes jazigos se acham competentemente registados por uma empresa franceza de que um dos concessionarios ou simplesmente engenheiro da empresa, é o conhecido St. Clair que ali vem algumas vezes. Outros jazigos importantes, não como aqueles pela quantidade, mas, sim, pela boa qualidade do ferro, são os de Guadramil. Dizem os peritos que esse ferro rivalisa com o melhor conhecido. O meu conterraneo Padre Miguel Rodrigues, illustre professor do liceu do Porto, tem estudos sobre os terrenos radio-activos de Santa Cruz na vertente L. da Serra da Corôa. N'aqueles terrenos, estando o observador a determinada distancia, vê-se uma luz, um foco luminoso, o qual elevando-se do solo, se conserva a certa altura, e pouco depois se extingue. Este fenomeno é verificado por todos que se deem á curiosidade d'essa observação.

Crê o mesmo professor estar na presença do radio; e n'essa conformidade já pediu e obteve a concessão d'aqueles terrenos, registando-os como radio-activos. O que é certo, é ele já ter obtido, nos seus estudos, photographias de objectos encerrados dentro de caixas opacas submetidos simplesmente á acção de uma quantidade d'aquele terreno. Já vi exemplares d'essas curiosas photographias.

Calcareos — E' tal a variedade e excellencia dos jazigos das pedreiras de Vimioso, cujo nome são conhecidos no paiz, aonde existem em grande quantidade, além de variados marmores e mais fino alabastro. Já ali vi extrahidos para serem submetidos á serragem, blocos de alabastro de massa compacta do tamanho de um metro cubico.

Quem reside no Porto deve recordar-se da boa impressão deixada por uma exposição, no Palacio Crystal, dos productos d'estas pedreiras, feita ha anos.

A sua exploração está suspensa por motivo de pleito judicial entre a antiga e a nova empresa. Mas que assim não fôsse, sem estradas nem caminhos de ferro, como transportar aquelas moles de pedra?

DIOCLECIANO MARTINS

Classificação de novas Estancias

MINISTERIO DO COMERCIO E COMUNICACÕES

Administração Geral das Estradas e Turismo REPARTIÇÃO DE TURISMO

Decreto n.º 8.894

Reconhecendo-se que nas cidades de Leiria e Viana do Castelo e no local da Penha, freguesia da Costa, concelho de Guimarães, existem motivos suficientes para que sejam classificadas como estancias de turismo;

Sob proposta do Ministro do Comercio e Comunicações e tendo ouvido o administrador geral das estradas e turismo:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º — Nos termos e para os fins da lei n.º 1.152, de 23 de Abril de 1921, e do Regulamento de 24 de Fevereiro de 1922, são classificadas como estancias de turismo as cidades de Leiria e Viana do Castelo e o local da Penha, freguesia da Costa, concelho de Guimarães.

Art. 2.º — Os administradores dos concelhos em cuja área tiverem de ser instaladas as comissões de iniciativa promoverão a sua constituição nos vinte dias seguintes aos da data da publicação deste decreto.

Art. 3.º — As comissões de iniciativa, uma vez constituídas, deverão participar á Repartição de Turismo os nomes dos membros que as compõem, e bem assim a área em que deve recair a respectiva taxa de turismo.

Art. 4.º — Fica revogada a legislação em contrario.

O ministro do Comercio e Comunicações assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da Republica, 2 de Junho de 1922. — *Antonio José de Almeida* — *João Teixeira de Queiroz Vaz Guedes*.